



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25

Telefone 82431

BARCELLOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMANÁRIO REGIONALISTA

POR PORTUGAL — POR BARCELLOS

ASSINATURAS:
 Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole
 Ano, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
 Ano, 45\$00 e 110\$00 — Ultramar e Ilhas
 Ano, 50\$00 e 160\$00 — Brasil
 Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
 Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de Carvalho

Composição e Impressão: Companhia Editora do
 Miado — Rua D. António Barroso — BARCELLOS

SÁBADO, 9 DE JANEIRO DE 1965

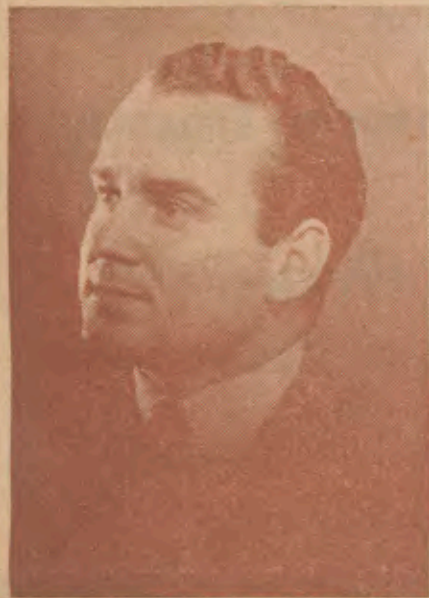
VISADO PELA CENSURA

Os Bombeiros Voluntários de Barcellos

comemoram o seu 81.º Aniversário com significativas cerimónias

Ao completar mais um ano de existência, a Corporação dos Bombeiros de Barcellos merece um pouco mais de atenção por parte de todos quantos se habituaram a ter nos

ficio duns tantos em prol da multidão, massa anónima e impassível? Não! A actividade dos bombeiros não deveria ser um trabalho árduo que por vezes é improfícuo, mais por falta de meios, do que de homens e de prática, de valor. Essa falta de meios é culpa nossa



Eng. Mário Pinho de Azevedo
Presidente da A. Geral

ossos bombeiros, guardas vigilantes dos seus haveres e vidas, porque uma data comemorativa sendo quase sempre motivo de júbilo, é de ponderação, de análise, diríamos até de intromissão nos problemas que du-



Manuel Pereira da Quinta Júnior
1.º Comandante



António José de Sousa Costa
2.º Comandante

mandante António Costa é um homem imprescindível na Corporação Barcelense, a ele se devendo muitas das actuais realizações dos nossos bombeiros.



Dr. Adélio de Oliveira Campos
Presidente da Direcção

No Corpo Activo há tantos nomes a destacar, desde os Chefes António Duarte Ferreira Pedras, Fernando Monteiro, Henrique António da Costa Correia, António de Jesus Fernandes, Sérgio Augusto Miranda Santos, ao mais simples bombeiro, todos elementos dignos dos elogios



Jaime Mascarenhas Sineiro
Membro da Direcção



Bártofo de Oliveira Correia Paiva
Membro da Direcção



Aníbal Araújo
Vice-Presidente da Direcção



Francisco Duarte Carvalho
Membro da Direcção



Henrique Carvalho
Membro da Direcção

rante o ano surgem e que são dos». Por isso mesmo, hoje, apelamos para que cada um dos barcelenses pense nos esforços dos devotados e sacrificados bombeiros, que a todas as horas, em qualquer situação, acorrem, prestes, solícitos, aflitos por não poderem fazer mais, por não terem mais adequados meios para lutar contra os elementos de devastação e que por vezes tantos prejuízos causam.

Não olhemos para os bombeiros como os soldados da paz, com os seus capacetes de ouro a refulgir, a cintilar como se estrelas fossem! Reparemos neles, sim, mas tenhamos presente o sacrifício, pleno de valor, dos seus actos! Apreciemos a sua bravura, a destreza dos seus movimentos, a agilidade para chegar onde não é quase possível! Apreciemos, admiremos mas nunca deixemos de ver nos bombeiros os salvadores das nossa fazendas e vidas!

E quanto custa toda essa abnegação? Só sacrifício humano? Só sacri-

que não sabemos agradecer, recompensando a vigilância desses bravos heróis, para os dotar com material e edifício social capazes de resolver tantos problemas que desejaríamos suprir. É essa a nossa falta, resultante da pouca solidariedade existente entre a sociedade que compõe o meio. Convém que pensem no dar, porque em tantos momentos os bombeiros são bem generosos, dando-nos a vida para salvar a nossa.

— // —

Uma Instituição, como os Bombeiros, é realidade, viva realidade, se se mantém apta através dos tempos e isso só se consegue com o amor e trabalho desinteressado duns tantos, que neste caso se chamam Direcção, Comandos e Bombeiros.

Na Direcção, vários homens lutam pela elevação social da Associação dos Voluntários de Barcellos. O Sr. Dr. Adélio Campos, na presidência, o Sr. Eng.º Mário Azevedo,



Dr. Francisco Rodrigues Torres
Médico da Corporação

na Assembleia Geral, os Srs. Aníbal Araújo, lutador incansável, Francisco Carvalho, Bártofo Paiva, Jaime Mascarenhas Sineiro, Frederico Carvalho, etc., são nomes conhecidos, trabalhadores infatigáveis pelo progresso da Instituição.

Os comandos são, por assim dizer, o coração, o ponto vital da Corporação. Dois homens esforçam-se como heróis, para que o nível do corpo activo seja óptimo. Os Comandantes Manuel Pereira da Quinta Júnior e António de Sousa Costa são bem dignos dos nossos elogios, das saudações dos barcelenses. O 1.º Comandante dos Bombeiros de Barcellos vai ter consagração digna, quando no seu peito for colocada a Comenda da Ordem de Benemerência, Galardão conferido pelo Governo da Nação, para enaltecer os serviços prestados pelo Comandante Quintas ao Voluntariado Português. O 2.º Co-

que se dão por serem merecidos, pela justiça que se faz, dando-os.

Aos Bombeiros de Barcellos os cumprimentos de parabéns do velho «O BARCELENSE» que apesar de tantas contrariedades, faz a habitual consagração aos bravos elementos que labutam na Associação dos Bombeiros da Cidade.

A Comenda da Ordem de Benemerência para o Comandante Manuel Pereira da Quinta Júnior

Na festa comemorativa do 80.º aniversário dos Bombeiros de Barcellos, os Comandantes das Corporações presentes manifestaram a opinião de que o Comandante Manuel Pereira da Quinta Júnior deveria ser publicamente agraciado pelo Governo da Nação, tendo em vista

(Continua na página seis)

Amanhã é Domingo

Secção dirigida por P. ARTUR

Pensamento — «Alarmou os doutores do mundo, com as Suas palavras e volta para Nazaré, onde o mundo se há-de espantar com o Seu silêncio».

Dia 10 de Janeiro — 1.º Dom. d. da Epifania Sagrada Família, Jesus, Maria e José, Missa própria, Glória, Credo, Pref. da Epifania. Paramentos brancos.

EVANGELHO
(S. Lucas, II, 52-53)

Quando Jesus tinha já doze anos, Seus pais foram a Jerusalém assistir à Festa da Páscoa, como era costume.

Terminada a festa, regressaram; mas o Menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que Seus pais dessem por isso.

Pensando que Ele ia na caravana, fizeram um dia de viagem e procuraram-No entre os parentes e conhecidos. Mas, não O tendo encontrado, voltaram a Jerusalém, à Sua procura. Ao fim de três dias, foram encontrá-Lo no Templo, sentado no meio dos doutores da lei, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas. Todos os que O ouviram estavam admirados com a Sua inteligência e com as Suas respostas.

Ao vê-Lo, ficaram impressionados, e Sua Mãe disse-Lhe: «Filho, por que procedeste assim conosco? Olha que Teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!» Ele respondeu-lhes: «Porque Me procuráveis? Não sabíeis que Eu devo ocupar-Me das coisas de Meu Pai?» Mas eles não compreenderam o alcance das palavras que lhes disse.

Depois, veio com eles para Nazaré, e obedecia-lhes sempre. Sua Mãe guardava todos estes factos no Seu coração. E Jesus ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens.

REFLEXÃO

Fixemo-nos, por instantes, na resposta que deu Jesus a Seus pais quando O encontraram no Templo, após três dias de procura e inquietação: — «Não sabíeis que Eu devo ocupar-Me das coisas de Meu Pai?» — palavras que, embora misteriosas, parecem querer explicar o sucedido e consolar Seus pais.

Há nestas palavras divinas, um ensinamento profundo. São dois direitos que entram em conflito numa mesma pessoa: o direito de Deus e o direito dos pais sobre seus filhos. No quarto mandamento do decálogo, ordena Deus que os filhos amem seu pai e sua mãe; mas superior a esta lei, há uma outra que é o aperfeiçoamento da primeira e à qual Jesus aludiu quando exclamou: — «Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim. Quem ama seu filho ou sua filha mais do que a Mim, não é digno de Mim».

Com efeito, mais do que os pais, em seus filhos manda Deus a quem eles pertencem primeiramente. Eis

Festa de Anos

No dia 5 teve o seu aniversário o nosso estimado amigo e assinante Sr. João Medros da Cruz, industrial no Rio de Janeiro.

Ao nosso bom amigo, as nossas felicitações.

uma importantíssima verdade que os pais esquecem frequentemente ou não compreendem. Os filhos são de Deus; os pais, instrumentos da vida deles, são os seus depositários e guardas.

«Toma este filho e cria-o para mim» — dissera a filha de Faraó à mãe de Moisés. As mesmas palavras repete Deus ao pai e à mãe, quando lhes concede e entrega uma criança. Eis porque, não só Ele é o único Senhor que nos pode vir tomar pela morte, mas também através da vida quando nos chama para o Seu serviço ou para outra vocação. Somos primariamente d'Ele que, para cada um, conservando-nos sempre a liberdade, escolhe a profissão e o estado que estiver mais de harmonia com a nossa natureza. E toda a nossa grandeza e felicidade estará em conhecer e abraçar essa escolha que, o mesmo é dizer, a vontade de Deus.

O Dia de S. Silvestre em Barcelos

Os Bombeiros de Barcelos estão a criar um hábito muito interessante com a sua marcha luminosa por ocasião da passagem do ano. No ano transacto esta manifestação de alegria por um ano mais passado e outro que acaba de nascer constitui já um motivo de curiosidade e muitas centenas de barcelenses vieram para a rua admirar as fantasias dos carros e ornamentos que compunham o cortejo.

Este ano tudo foi melhor e pena foi que o tempo tivesse prejudicado a grandiosidade do cortejo, composto por centenas de figurantes e dezenas de carros.

Abria a marcha luminosa a fanfarrinha juvenil da Av. Nuno Álvares Pereira, conjunto afinado que entusiasmou os milhares de pessoas, que, apesar da chuva, enchiam os largos dos Bombeiros, Calçada e Rua D. António Barroso. Seguiu-se um conjunto heterogêneo de rapazes, vestidos com fatos alegóricos, empunhando bonecos confeccionados em papel de seda e arame. Podiam-se ver galos, rosetas, estrelas, copinhos, aranhas, etc. Mais adiante a banda musical da Casa dos Rapazes, toda vestida com fatos berrantes e grandes cartolas, decorados com símbolos musicais. Atrás, num carro enfeitado, seguiam os Três Reis Magos, personagens gradas num cortejo como este.

Depois, mais «bicharada», mais copinhos, mais carros alegóricos, mais barulho em surdina, e um vistoso fogo de artifício que os bombeiros, nas suas viaturas de incêndio, queimavam. A fechar, muitos carros particulares incorporaram-se no cortejo, aumentando dessa maneira o ruído e a alegria.

Foi uma festa grande, sem dúvida prejudicada pelo mau tempo, mas ainda vistosa para que o Corpo Activo dos Voluntários de Barcelos fossem aplaudidos por mais esta iniciativa que se lhe fica a dever. É justo realçar o trabalho desinteressado do nosso prezado amigo, Comandante António Sousa Costa, alma de muitas das actuais realizações dos seus bombeiros, que estão igualmente de parabéns.

OBITUÁRIO

D. Maria de Jesus F. Sampaio

Na sua residência, à Rua Miguel Bombarda, faleceu a Sr.ª D. Maria de Jesus Figueiredo Sampaio, viúva, de 74 anos, antiga funcionária da Escola Gonçalo Pereira, mãe das Sr.ªs D. Maria do Sacrário, D. Maria Emilia e D. Maria Manuela, e dos nossos prezados amigos Srs. José António, Francisco e Manuel Figueiredo Sampaio; sogra das Sr.ªs D. Hemengarda Eseteves Sampaio, D. Libéria da Silva Santos e D. Maria Emilia Fontoura e dos Srs. António Vieira da Silva Fins, Teotónio Marinho de Lima e António Manuel de Sousa Martins.

O préstito realizou-se no dia 3 do corrente, para o cemitério Municipal com assistência numerosa.

José Fernandes Soutelo

Na freguesia de Areias S. Vicente faleceu o nosso prezado amigo Sr. José Fernandes Soutelo (velho industrial oleiro, casado com a Sr.ª D. Ana de Macedo Soutelo e pai das Sr.ªs D. Cremilda Fernandes de Macedo Soutelo, D. Irene Fernandes de Macedo Soutelo e dos Srs. Francisco Emilio, Orlando, Adélio, Abel e Ezequiel Fernandes de Macedo Soutelo.

O funeral realizou-se na sexta-feira passada, da residência do extinto para a igreja paroquial e dali para o Cemitério da mesma freguesia.

D. Júlia Rosa de Araújo Andrade

Em S. Miguel da Carreira faleceu no dia 31 do mês findo, a Sr.ª D. Júlia Rosa de Araújo Andrade, veneranda mãe do nosso preclaro amigo Sr. Aurélio Araújo Andrade, funcionário da Secretaria da Santa Casa de Barcelos.

O enterro foi muito concorrido e realizou-se para o cemitério paroquial da mesma localidade.

Ao nosso prezado amigo e a seus irmãos, os nossos pésames.

Domingos Marques

Em Barcelinhos, na casa do nosso prezado amigo Sr. Agostinho Pereira Duarte, faleceu o Sr. Domingos Marques, antigo Feitor da Casa Matos Graça, desta cidade. Sendo uma figura simpática do meio barcelense, a sua morte foi muito sentida e o seu funeral realizado para o cemitério de Barcelinhos foi muito concorrido por pessoas de todas as categorias sociais.

A todas as famílias enlutadas «O Barcelense» apresenta sentidos pésames.

PÉROLA DA AVENIDA

SERVIÇOS DE CASAMENTOS

BAPTIZADOS + ALMOÇOS

JANTARES DE CONFRATERNIZAÇÃO

Este Restaurante reabre na Primavera a sua Filial na Praia da Apúlia, onde tem excelente serviço de Restaurante e variedades em mariscos.

PÉROLA DA AVENIDA

Avenida dos Comb. da Grande Guerra

Telefone 82416

BARCELOS

Colabora na Festa dos Bombeiros servindo o almoço ao Ex.º Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses.

Bicicletas MELFEIRA

A RAÍNHA DAS BICICLETAS

LADINA e NUBIA

Três marcas distintas — Três slogans

Segurança • Resistência • Economia

Consulte

Anibal Araújo

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

96 — Rua Barjona de Freitas — 104

Telefone 82524

BARCELOS

Combustíveis e Lubrificantes. Reparações em Automóveis. Acessórios.

Serviço MERCEDES-BENZ MORRIS * AUTO-UNION.

Manuel Gonçalves de Castro

Estação de Serviço SACOR

Telefones: 82408-82625

Largo Dr. Martins Lima, 2

BARCELOS

GRANDE PENSÃO ARANTES

Faz parte das melhores Pensões do País, pelas suas instalações tipo Hotel, pelo seu magnífico serviço de mesa e pelo seu asseio.

MARTANO

A BICICLETA DOS CAMPEÕES

— QUE TEM UM ANO DE GARANTIA —

Outros tipos de Bicicletas mais baratos

Completo sortido de acessórios para bicicletas

Modelos a preços de concorrência desde 800\$00

Gonçalves & Melo

Rua D. António Barroso, 37
BARCELOS

EDITORIAL

Publica-se, neste número, uma nova página a que se deu o título de «Académica», porque é de jovens, de estudantes, de rapazes e raparigas que um dia poderão ser alguém nas ciências, nas artes, nas letras, na política, na vida. Começam a expandir as suas ideias, lutam pelo ideal que criaram, formam-se e não-de amadurecer para a luta que a vida lhes impõe. A sua juventude é força e vida, cremos que vencerão, porque qualidades não lhes faltam.

INCONGRUÊNCIA

A juventude da nossa terra tem por vezes tomado iniciativas tendentes a quebrar a monotonia e grande entorpecimento em que de há anos a esta parte se tem vivido neste velho recanto minhoto.

Assim, de vez em quando, aparece um pequeno sarau promovido pelos alunos da Escola Industrial e Comercial, ou pelos militantes da J.E.C. Outras vezes são tardes ou noites desportivas que entretêm o público e os próprios jovens por algumas horas. Como é evidente, também os bailes fazem parte deste rol de iniciativas juvenis. E assim, sucedeu que se realizou um baile no Salão Nobre do B. V. de Barcelinhos, no pré-férto dia 26, um sábado soalheiro, mas frio como o são todos os dias de Dezembro.

Devemos dizer que não comparecemos nesse baile... por esquecimento. Segundo fomos informados, no entanto, o baile decorreu como qualquer outro, no meio de música, elemento primordial em qualquer reunião do género, muita alegria e muita... «turca». Enfim, um baile vulgar. De resto não queremos falar propriamente do baile. Seria inconcebível falarmos de um acontecimento que não presenciámos.

O que nos levou a escrever estas despreziosas linhas foi o observarmos uma incongruência que aos olhos dos organizadores poderá parecer insignificante, mas que se nos afigura da maior importância perante o fim que temos em vista: a elevação, sob qualquer aspecto, da nossa querida terra.

O que observámos foi o seguinte: esse baile apresentou-se-nos simultaneamente com dois caracteres opostos. Foi, a nosso ver, e salvo melhor opinião, um baile público e particular ao mesmo tempo. Pode parecer incrível, mas é assim mesmo. Por um lado foram feitos convites de um modo muito, mas mesmo muito particular, a meia dúzia de rapazes e raparigas, seleccionados segundo um critério de nós desconhecido. Desconhecido e até estranho, na medida em que se esqueceram rapazes e raparigas de cá com nível suficiente para lá irem, e não seria necessário grande nível, em favor de rapazes de fora, ilustres desconhecidos da maioria da «malta».

Por outro lado, soubemos que a entrada dos convidados só era possível mediante o pagamento de uma certa quantia exigida, é o termo, no acto do convite, e que se destinava a cobrir as despesas de um jantar que foi servido durante o baile.

Ora quer-nos parecer que essa exigência de pagamento, por si só, destrói qualquer carácter particular dessa reunião, pois segundo cremos só em bailes públicos é feita essa exigência aos participantes. Assim, afigurava-se-nos ridícula a maneira particularíssima de escolha dos participantes no baile em questão. Qual seria o critério adoptado? Nível intelectual ou social? Já atrás dissemos algo sobre isto. Amizade? Supomos que todos os rapazes e raparigas são amigos nesta terra cujos apertados limites impõem por si só essa amizade. Podíamos procurar outros critérios, mas seria andar às escuras, sem chegar a qualquer conclusão.

Uma coisa é certa: se o baile foi organizado com o fim de divertir, pois não poderia ser outro, e se se pagou a entrada, porque motivo se negou a muitos, e muitas, essa oportunidade de divertimento, já que os divertimentos são tão escassos em Barcelos?

Porque motivo se deu o lugar desses nossos amigos e colegas a indivíduos estranhos, que têm nas suas terras divertimentos em maior profusão do que cá? Não estamos a querer condenar o contacto juvenil entre regiões, claro. A juventude não deve ficar estagnada numa região, sem contacto com a de outras. Porém, neste caso, e muito especialmente nas condições em que se encontra a nossa terra com respeito a divertimentos, cremos que os de cá estariam primeiro que quaisquer outros. Possivelmente nem todos os jovens compareceriam, mas a certeza de existir uma porta aberta, onde outros jovens os acolheriam de bom grado, seria de certo modo uma consolação para a impossibilidade de irem. O que não está certo é essa porta abrir-se a uns e fechar-se a outros.

A verdade é uma: Hoje lamentamo-nos da falta de progresso da nossa cidade, mas num futuro próximo lamentar-nos-emos da mesma maneira, visto que a juventude, que será o sustentáculo futuro da urbe,

MISSÃO DO JORNALISMO

Há conceitos tão batidos e debatidos nos tempos que correm que dispensam uma definição; há palavras tão gastas no uso pelo povo que não necessitam de apresentação.

Um jornal é indispensável na medida em que é um complemento insubstituível na formação moral e cultural e até científica e político-social do indivíduo humano. Por isso, não há certamente ninguém que desconheça na acepção técnico-realista das palavras o que é um jornal e o que é jornalismo. Agora, ninguém ficará escandalizado se descurarmos esse aspecto e abordarmos a missão do jornalismo do ponto de vista social.

Fazer jornalismo deve ser, em primeira análise, servir a comunidade. E esta é uma verdade tão evidente que dispensaria justificação. No entanto, apenas ditamos que ela está contida naquela afirmação mais lata de que tudo o que uma sociedade bem organizada fizer, se-lo-á em benefício da mesma sociedade.

E certo que há diversas maneiras de servir a comunidade, assim como há sempre diversos caminhos — e muitas vezes todos bons — de atingir qualquer objectivo.

No caso específico do jornalista, ele pode fazê-lo tomando, em princípio, duas atitudes bem distintas que, embora de igual modo importantes e necessárias, são desigualmente meritórias. O jornalista pode agir, em relação ao público, duma maneira passiva: informando-o dos factos e abstendo-se duma atitude crítica sobre eles. Não se veja nesta informação apenas uma divulgação noticiosa dos acontecimentos mas ainda a apresentação de questões de carácter científico ou cultural ou exposição de determinadas verdades sociais que devem nortear a conduta dos povos.

Mas pode fazer-se jornalismo duma maneira activa: louvando o bem e apontando o mal, o que é meritório, ou louvando o bem e corrigindo o mal, o que é francamente bom, ou ainda, simplesmente, expondo ideias concretizáveis e apresentando sugestões em relação aos problemas que afligem as famílias, as cidades e as nações.

Aos primeiros cabe informar e aos segundos, formar, isto é, compete aos primeiros expôr a verdade e aos outros, impô-la.

Sempre, e de qualquer modo, com a preocupação dominante de ajudar a realizar o bem comum.

Arrisquemos umas palavras pelo homem em si, já que o bom jornalismo presuppõe um bom jornalista: os meios determinam os fins. Ocorre-nos aquela máxima de Boileau: «Antes de escrever, aprende a pensar». E, se a referimos, é porque achamos que ninguém conferiu ao jornalista o direito de expor os seus pensamentos desprezando as mais elementares regras lógicas; o direito de tirar conclusões quando a isso o não autorizam as premissas. Gente há que não raciocina como a lógica ensina e, se muitos erros se cometem, nem sempre são devidos à falta

manifesta relativamente cedo uma desunião nas suas fileiras que é absolutamente condenável, pelo simples facto de se tratar de juventude. A continuarmos assim, adeus anslado progresso. Não será com certeza na nossa geração que o veremos.

adida dos princípios; são-no, umas vezes, à deficiência no encadeamento lógico que leva à conclusão; são-no outras vezes, à ausência duma crítica intelectual desinteressada ao que a sensibilidade inspira.

Supondo que o jornalista conhece a técnica de pensar, já pode agir, de harmonia com seus princípios morais e respeitando determinadas verdades sociais que a história ou o senso comum garantem como normas imprescindíveis na realização do bem-estar social. Aquela já formação moral manifestar-se-á pelo amor cego à verdade, pelo amor ao próximo e à sociedade, pela completa imparcialidade, pela existência dum espírito criador e altruísta. E há-de levar fatalmente o jornalista a persistir, a louvar, a condenar e a resistir, a construir, ainda que para tal tenha de colaborar numa destruição. A sua acção visará o estabelecimento do bem estar comum na sociedade que ele mais directamente puder influenciar. Mas não usará a violência porque é um mau meio em si; por conseguinte não conduzirá a um bom fim.

Vamos abrir aqui um parêntesis para justificar esta consciente repetição para a necessidade de todo o trabalho realizado o ser em prol da comunidade. Fazemo-lo apenas porque essa, e só essa, ideia nos move no que aqui for dito, já que estamos convencidos de que essa conduta levará à realização do homem sobre a terra.

Referimos as duas atitudes que o jornalista pode assumir perante o público e dissemo-las desigualmente meritórias: formar é algo mais que informar.

É natural, então, que nos debruçemos um pouco sobre a imprensa regional porque a ela cabe quase totalmente a subida e ingrata missão de formar o povo, de lembrar os seus direitos, de gritar as suas necessidades e de ser esteio imprescindível na concretização das suas aspirações.

É à cidade, ao povo da cidade, que escorrega ávidamente o olhar ao longo das páginas do jornal da sua terra, que vive com ele e nele acredita, que o jornalista não deve esquecer nunca. Mostrar ao particular a quanto o obriga a valorização do meio e levar ao conhecimento dos dirigentes as necessidades locais e sugestões para as resolver é dever a que o jornalista da imprensa regional não pode fugir: é a cidade, são os interesse e as legítimas aspirações do povo que lho exigem.

É certo que esse digno propósito de servir a cidade zelando pelos seus interesses é de todo incompatível com o desejo de ver no jornal um meio de valorização pessoal, um suporte prático para o desabafo, um instrumento valioso para dominar e subjugar; com o propósito de destruir sem construir, de atacar para justificar presença, de trair a alta missão do jornal, amesquinhando-a com a resolução de questões pessoais através dele.

Importa educar o povo e desenvolver a cidade. Nesse sentido, apelamos para os que, nesta terra, sabem como pelo jornal se pode estruturar uma comunidade e levá-la a desenvolver-se.

A tarefa será árdua mas nunca em vão; se a cidade os não ouvir, ficar-lhes-á a consoladora certeza de, pelo menos, haverem cumprido e se terem realizado.

Rui Boaventura

O Materialismo e o Mundo de Hoje

Há actualmente uma tendência, que é de considerar nefasta, de fazer nossos os problemas que foram de todas as épocas.

A importância que vem sendo dada ao problema do materialismo, as especulações que vêm sendo feitas e os moldes em que tem sido tratado tal problema têm tido consequências nitidamente funestas. A barreira existente entre o mundo do espírito e o mundo da matéria permanece e permanecerá sempre indestrutível e firme. Por muito que se possa falar em relações psicofísicas e psicofisiológicas, uma pergunta permanecerá sempre sem resposta: «O que distingue essencialmente um fenómeno físico dum fenómeno espiritual? Ou não haverá mesmo uma diferença essencial entre a matéria e o espírito?»

A ciência não sabe responder. O filósofo muito menos. Se um indivíduo medianamente culto vai a uma conferência onde se debate o problema do materialismo, ou já qualquer obra de carácter filosófico sobre o assunto ele sentir-se-á no fim compelido a tomar uma atitude; sentir-se-á como que obrigado a escolher entre ser materialista, espiritualista ou ficar no meio termo. Eis o mal!

Cada indivíduo tem a sua verdade pela qual luta; todo o indivíduo tem o seu padrão de valores e nunca deverá esquecer-se que nesse padrão está já implícita a importância que ele dá ao espírito ou à matéria.

O que sucede em quase 100% dos casos é o seguinte: adere-se à uma corrente materialista ou espiritualista por razões afectivas e depois

arranja-se uma base lógica para fundamentação.

Ponhamos os olhos sobre uma criança; o seu mundo é a matéria. Chorar-se se lhe roubarmos um dos seus brinquedos, exultar-se se lhe oferecermos um novo. Todos os seus pensamentos e os seus sonhos estão ligados a objectos materiais. Ela não consegue mesmo considerar-se distinta do mundo material que a rodeia.

Depois da infância vem a adolescência, a idade dos sonhos e das ilusões, a idade em que se fazem versos de amor e se rasgam os panos dos bilhares. O adolescente preocupa-se principalmente com os problemas do espírito e dum modo geral despreza a matéria.

No entanto não é preciso reflectirmos muito para concluirmos que a velhice é em geral acompanhada por um apego à matéria. Os problemas materiais são os fundamentos para o anclão. Assim o círculo fecha-se.

Para terminar direi que há sempre uma grande diferença entre aquilo que dizemos ou escrevemos e aquilo que intimamente pensamos. Essa é uma das grandes dificuldades com que a Filosofia tem lutado, e tem estorvado largamente o seu progresso. Em problemas como este (materialismo) convém fundamentalmente não nos deixarmos suggestionar por aquilo que lemos ou ouvimos.

Acho não ir longe de mais ao afirmar: — não há materialistas nem espiritualistas há apenas homens.

Luís Alberto

CAMARADAGEM

Quanto ao termo todos têm conhecimento da sua existência; sobre o significado os dicionários vulgares enquadram-na como expressão da convivência entre indivíduos com a mesma profissão ou trabalho.

Refrâm-nos ao convívio dos jovens estudantes da nossa Cidade na medida da sua importância em relação ao bem de cada um em particular, ao proveito para todos, e, consequentemente, para o aperfeiçoamento da cidade no campo social. «Não se fale disso, bocejam todos nas horas de ócio e egoísmo... Porém, «Lutemos por ela» gritam e esfarrapam-se quase todos nas ocasiões da sua pequenez. Suplicam até!...

Pretendem quebrar as ondas do egoísmo próprio e dizem lamentar a solidão alheia! Pobres, asquerosos seres que, trajando casaco e calças, saias e outros disfarces, têm como veste adequada à sua maneira de proceder, apenas uma mísera tanga! Acendem os cigarros com fósforos e isqueiros, mas nas horas de remorsos, sentem que só merecem o silex para fazer fogo!

Não escarram na rua ao pé de outros seres para não provocarem o escândalo e crítica alheia, mas sentem-se livres e desoprimidos quando, estando isolados, vêem o seu escarro movediço a estalar no chão, selvagem e epidémico.

Não sentirão a crítica da consciência? Será que medem o valor dos actos e premeditam com o único interesse de cair no agrado da crítica alheia?!

O referido, porém, é um mal que fustiga toda a sociedade e não ape-

nas o campo de acção da juventude estudantil barcelense. Esta, bastante concentrada (numa maioria) dentro da própria cidade, tem, no entanto, em virtude do seu pequeno campo de acção, mais possibilidade de reprimir em seu próprio benefício, esse exagero, essa frequência de ego-centrismo.

Horas de egoísmo tem todo o humano mas o termo camaradagem e o acto referente, não são tão rígidos que queiram pressupor a não existência do «primeiro eu depois os outros». Ignora-se no entanto esta máxima justificadora de actos quando se trate de contribuir convivendo para um empreendimento de carácter social.

Sobre este ponto o apelo está feito a todos e a nós próprios.

Coloquemo-nos no século XX e citemos uma ida ao cinema, meio, não para haver uma camaradagem francamente útil em favor da cidade é necessário que o convívio dos estudantes se faça dentro da mesma. Se assim for tanto os que frequentam os estabelecimentos de ensino locais, como os que trabalham nos cursos superiores como ainda os que, sem frequentarem estudos especializados, estão divididos pelos colégios e liceus da Província, terão oportunidade de criar problemas dentro da cidade e daí que se faça luz sobre os mesmos em benefício de Barcelos.

É preciso, no entanto, a existência de meios facilitadores de uma convivência útil. Existirão em Barcelos catalizadores dessa verdadeira camaradagem?

(Continua na página 4)

ABDICAÇÃO

O homem como ser gregório tem o direito de participar nos destinos da colectividade em que se integra, direito esse que tem o seu fundamento no acordo, no chamado «pacto social» entre ele livremente estabelecido, onde cada elemento de per si sacrificou uma parte da sua liberdade inicial e se comprometeu a condejar o seu esforço com os demais.

Se esse poder é apropriado por minorias pretensamente privilegiadas, estar-se-á perante uma franca usurpação de direitos, perante uma condenável violação ao que em eras muito remotas tinha sido ajustado.

Números exemplos históricos poderiam ser apontados para ilustrar o desvio, a desvirtualização que esse poder tem sofrido através dos tempos, mas cremos simplesmente que para esse estado de coisas muito tem concorrido o desinteresse, o alheamento quase total votado às dificuldades, às necessidades, às aspirações da comunidade pela maior parte das pessoas que a constituem.

Num plano deontológico, esse direito de tomar parte activa nos negócios políticos conferido indiscriminadamente a todos (pelo menos,

em princípio) é já um dever sancionado, tendo precisamente em conta que só em sociedade o homem se pode realizar. E no amor desinteressado ao próximo, é na fraternidade sem barreiras que o homem vai além da sua natureza biológica e não é numa esmola dada aqui ou acolá que se conseguem resolver os graves problemas que flagelam a Humanidade. E parodiando Schopenhauer, afirmaremos que essa mesma esmola vai apenas reavivar a chama da sua indignação, e melhor seria que os indivíduos que assim procedem, subissem para uma tribuna e se verberassem contra a miséria, não só daquele que pede, como também daqueles que a consentem.

Tomar uma posição no seio da colectividade é fazer valer o seu direito ainda que apenas lhe seja assegurado pela própria consciência. Não a tomar, é cair num comodismo animal, é cruzar os braços para consigo mesmo e o que é mais grave é cruzar os braços para com os outros, talvez mais necessitados, talvez mais coagidos pelas forças adversas.

Se nos tentam impor condições que nos cortem a nossa liberdade, recusemo-las como não válidas, lutemos contra elas e contra aqueles que nos parecem impor. É necessário que todo o indivíduo tenha a consciência de ser preciso neste jogo, que todos tomem uma atitude, não uma qualquer, mas uma que seja enérgica, positiva, pois que não é através de afirmações isoladas (crentes mas sem a força a apoiá-las) que o corpo social se pode safar do marasmo em que caiu. Pelo que a abstenção voluntária do exercício desse direito, ou como queiramos, do cumprimento desse dever, constitui infalivelmente o indivíduo em falta não só para consigo, mas também para com o seu semelhante.

Essa recusa pode, e geralmente é, ser interpretada como um sintoma de fraqueza, de debilidade, não deixando de excitar a sede e ambição dos aventureiros, dos oportunistas sem escrúpulos que não hesitam em reduzir o fraco ou o indiferente a um fantoche manipulado em prol dos seus interesses. Equivale, digamos mesmo, a abrir um precedente perigoso que pode inclusivamente culminar numa perda quase total de liberdades e garantias.

Concluindo: Talvez o homem quando se passou a associar, tivesse somente em vista um maior lucro, pois do esforço comum e escalonado mais proveitos haveria para si mesmo. Porém, esta fase foi ultrapassada, o homem valorizou-se, subiu no padrão racional, pelo que hoje viverem sociedade é mais do que procurar um estômago dilatado, mais do que buscar um melhor bem estar para si próprio.

É mais do que isso: é arvorar o pendão da Humanidade e bradar bem alto que o martírio do homem está prestes a agonizar; é buscar a felicidade e entregá-la ao Universo; é atingir o maior grau de pureza e de verdade...!

A esperança do passado será concretizada: o dia chegará.

MANUEL BANDEIRA

MORENA

Tão linda morena
De lábios rosados,
Tu és a pequena
De quem tenho pena
Que ainda não esteja
Colada a meus lábios

Com meus desejos
Sorver-te-ia
Em longos beijos...

Não há rapariga,
Com toda a certeza,
Que, insolente, diga
Que és de cor sem vida:
És da cor do trigo;
A própria beleza!

Teu moreno rosto
É o doce pomo
De sabor que eu gosto...

No jardim das belas
És, sem ilusão,
Das flores mais singelas.
Tens vergonha delas?
Há belas morenas
Mas, como tu, não!

Teus morenos peitos
São vulções de amor,
Ninhos de desejos...

Ai linda morena
De lábios rosados!
Tu és a pequena
De quem tenho pena
Que ainda não esteja
Calada a meus lábios!

Franco de Vilas Boas

Académica



FÁBRICA DE MALHAS «MENA»

DE

João Gonçalves Martins

 Teles. { FÁBRICA 82680
RESID. 82279

Rua de Olivença. 3-5

BARCELOS

FABRICANTE DAS AFAMADAS PEÚGAS «MENA»

Camaradagem

(Continuação da página anterior)

apenas de uns momentos de gozo material, mas mesmo não pondo este de parte, causa de uma lógica discussão sobre um filme, tendo por fruto choque de ideias e opiniões, facultando convívio, enfim, um combate à futilidade. Recorde-se ainda que a passagem duma fita não tem a conseqüência efêmera duma discussão de minutos durante o intervalo ou apenas a explanação de ideias finais. Com a visão dum bom filme sentimos reagir dentro de nós todo o dinamismo que aí se encontra em potência para o BEM e então é questão de aproveitá-lo a bem do que queremos. Todavia em Barcelos apenas se vêem «fitas» para a construção do cinema e se afirma muito sinteticamente a necessidade da criação de um Cine-Clube. Ideias apoiadas com ideias mas não com factos...

Ultimamente, na cidade, não há convívio efectuado no cinema ou a partir dele... talvez por falta de casa de espectáculos. Embora a existência dum cinema favorecesse os jovens da nossa terra, não é a etes que compete a sua criação.

Qualquer indivíduo medianamente formado sabe a necessidade que existe da passagem dum filme ou da representação duma peça de teatro para a formação da mentalidade do jovem de hoje, desse jovem preparado para ver e sentir.

Pondo-se de parte o cinema e o teatro como facultadores de convívio e não saindo do âmbito do século XX é oportuno referir as recreações públicas dentre as quais vai citar-se às chamadas reuniões dançantes. Estas são pequenas mas particulares ou semi-particulares e apenas envolvem um contacto entre muito poucos. São úteis, não restam dúvidas, para quem as organiza mas de utilidade restrita, tendo em conta o bem de todos. A essa utilidade em favor de alguns há que contrapor a desunião gerada pelo «não convívio» dirigido a um pretensamente prescindível, a inconveniência endereçada a muitos — quem sabe se com os mesmos interesses dos organizadores — e a própria retração dos convidados perante a selecção.

Não se pretende o fim dessas reuniões particularizadas mas antes a substituição dessa por públicas, ainda que organizadas pelas mesmas pessoas, desde que concordem com o carácter público da reunião.

Depois, em campo aberto à crítica geral, as ideias, aos pares ou em conjunto, rodopiarão conforme o grau de preparação intelectual e a intensidade dos sentimentos — nessa ocasião em favor de todos pois elevar-se-á o sentimento da união. Haverá utilidade para todos, mesmo para os organizadores costumais que poderão na mesma obter os seus frutos tão desejados e mais ainda, terão oportunidade de... praticar uma boa acção, tão ansiada por todos aqueles que não se importam de emprestar um pouco da sua vida à cidade.

JUSTO

MÓVEIS TELES

MAIS BONITOS
MAIS BARATOS
ELHOR SORTIDO

 Todo o género de colchoaria,
Maples e Sofás-camas.

 Divãs de ferro articulado
e Mobiliário metálico.

Tapetes, Carpetes e Alcatifas.

TELEFONE 82453

CAMPO DA FEIRA

BARCELOS

 CAMISAS CUECAS
CAMISETAS PIJAMAS

Confecções «Barcélia»

Telefone 82784

 Rua D. Diogo Pinheiro, 43
Campo Camilo Castelo Branco

BARCELOS

(PORTUGAL)

CASA CUNHA Telefone 82645

 DE — Félix Luís da Cunha
CAMPO DA FEIRA — BARCELOS

Vende aos melhores preços toda a qualidade de calçados

(NÃO COMPRE SEM CONSULTAR ESTA CASA)

Marcenaria e Carpintaria

DE — Florindo Martins & Filhos

◆ Deseja os seus móveis executados com rapidez e perfeição?

◆ Pretende os seus trabalhos de construção civil no mais curto espaço de tempo?

Não os mande executar sem primeiro consultar ou pedir orçamentos a esta acreditada Firma.

Temos a certeza de que será mais um dos nossos já muitos clientes.

PREÇOS CONVINDATIVOS

Lugar de Paço Velho

V. F. S. PEDRO

CONSTRUARTE BARCELENSE

DE

António Lopes Monteiro

 Projectos — construções civis — aglomerados de madeiras.
Oficinas mecânicas e armazéns de materiais em Arcozel

Escritório: Av. Dr. Oliveira Salazar, 23 — Tel. 82455

Residência e Oficinas — Tel. 82611

BARCELOS

Precisa de reparar o seu Rádio ou o Televisor?

Armindo da Silva, na Av. Dr. Oliveira Salazar, 19, tem ao seu serviço, Pessoal Técnico, especializado nas Oficinas da importante casa de Lisboa — COREL, L. DA

ARMINDO SILVA

 RÁDIOS, TELEVISORES, GRAVADORES E TODO O MATERIAL
ELECTRO-DOMÉSTICO

Av. Dr. Oliveira Salazar, 19

Telefone 82708

Casas — Alugam-se

Na Quinta do Olival alugam-se várias casas de habitação, com rendas económicas.

Tratar com o Sr. João Lima de Miranda, no mesmo lugar.

Aluga-se

Aluga-se um andar no Largo do Bonfim, com água, luz e quintal, ao n.º 42.

Informa na mesma casa.

Motores a petróleo italianos

LOMBARDINI

de 4-7,5 e 9 HP

Os mais económicos e resistentes que andam no mercado

Não vos esqueçais de comprar um motor

LOMBARDINI

Agentes exclusivos no País:

CORRÊA & CARDOSO

Telefone 82442

BARCELOS



Passará a fazer a cobrança das aldeias, o antigo cobrador Sr. Joaquim Teixeira, pelo que pedimos aos nossos presados assinantes o acolhimento habitual.

Mais lembramos a necessidade de não esquecer que a Redacção e Administração de «O Barcelense» é na Rua D. Diogo Pinheiro, 25 (Junto ao Circulo Católico) onde deverão pagar as assinaturas ou tratar de todos os assuntos referentes a este Jornal.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua D. Diogo Pinheiro, 25 — TELEF. 82431 — (Junto ao Circulo Católico)

VALE LIMA
MÉDICO

Telefone 82737

 Consultas às Segundas, Quintas e Sábados
AS 9 HORAS

Av. Dr. Oliveira Salazar, 70

BARCELOS

DURVAL FERREIRA

ADVOGADO

 Rua Adriano Pinto Basto, 39
Salas 3 e 4

FAMALICÃO

Autómóveis de aluguer sem condutor

devidamente legalizados para o País e estrangeiro
Simca 1000 — Volkswagen e outras marcas

NECO

Rua Costa Cabral, n.º 14 a 18 — PORTO

Telefones — 42995 e 45459

 ALTO-FALANTES
CASA SOUC SAUX

Telefone 82345

 Instalações Eléctricas
em todos os géneros

E

 Grupos Electro-Bombas
BARCELOS

 Manuel Monteiro de Carvalho
MÉDICO

 Consultas das 12 às 13
e das 15 às 18 horas

Consultas Campo 5 de Outubro, 41

 Telefones { Consultório 82325
Residência 82609

Espelhos e Cristais

 Vidro para janelas, automóveis
e estabelecimentos
Telhas e tijolos de vidro

Sociedade de Cristais, L.ª

Rua do Almada, 27

Telefs. 25326-21416 PORTO

Vende-se

Na QUINTA DO OLIVAL vendem-se três lotes de terreno, um a confrontar com a estrada nacional de Viana e dois junto ao posto da Sacor. Informa:

José António Pereira — S. João de Vila Boa.

Farmácia de Serviço

Amanhã, Domingo encontra-se de serviço permanente a

 FARMÁCIA CENTRAL
Largo Bom Jesus da Cruz

Solares, Quintas e Morgados de Lijó

Heráldica e Genealogia

Por ILÍDIO EURICO GOMES RAMOS

Reportando-nos à pedra de armas que encima o portal fronho desta quinta, diremos que nela se acha representado o apelido de Barbosas, que teve origem neste morgadio desde a sua instituição. Consta a dita pedra de armas, de um escudo fantasista, pleno, com uma banda de azul carregada de três crescentes de ouro, com dois leões afrontados e trepantes de púrpura. Elmo aberto de perfil a três quartos, e por timbre o leão do escudo olhando de frente.

Os principais fidalgos desta quinta aparentavam-se com os Barbosas, Senhores do Paço e Morgado de Aborim, no Tamel, com os Senhores da Quinta da Pia, em Carapeços, com os fidalgos da Quinta do Outeiro, em Roriz, com os Alpuins e Barretos de Viana do Castelo e Ponte da Barca, e com outras famílias da mais alta aristocracia da província do Minho.

O Dr. Estêvão Bernardino Barbosa de Barreto, Juiz Corregedor da Ilha da Madeira e Cavaleiro da Ordem de Cristo, filho de António Dias Barbosa, fidalgo de linhagem natural da freguesia de Lijó, que teve um Ofício das Cinsas em Barcelos, e de D. Maria Tereza Barreto, senhora de nobres virtudes que descendia dos Barretos da Foz do Lima, instituiu com sua esposa, D. Vitória da Cunha Alpuim da Silva, o vínculo da Quinta do Paço e Morgados de Lijó, com os bens pertencentes a ambos.

Tiveram um filho que lhes sucedeu no vínculo, o Dr. António Barreto de Barbosa da Cunha Alpuim da Silva, que como seu pai, foi também Juiz Corregedor da Ilha da Madeira e Cavaleiro da Ordem de Cristo, e foi portante o 1.º Morgado de Lijó. Não sabemos com quem casou, mas temos com certa a sua tomada de estado, e dele afirmam os principais linhagistas ter deixado descendência que ilustrou os nobres pergaminhos de tão esplendoroso vínculo, continuando as nobilíssimas tradições de seus avoengos.

D. Vitória da Cunha Alpuim da Silva era filha herdeira de João da Cunha das Neves, de Lijó, e de sua esposa D. Ana Maria Tereza de Barros Cação, que descendia em linha recta dos Barros Cações, Senhores do antigo Morgadio e Quinta de Belinho, no concelho de Esposende, que ao tempo era da Comarca de Barcelos.

Da sua linha de Costados consta: ser Neta paterna de José de Barros Silva, Bisneta paterna de Jerónimo Cação, e de D. Margarida Alpuim da de Barros Cação, e de sua esposa

D. Maria de Lima, Bisneta materna de Luís Alpuim da Silva, Fidalgo da Casa Real e Senhor da Casa da Boavista, em Ponte da Barca, e de D. Ana Maria de Sousa, sua esposa. Terceira neta de Manuel da Cunha Pinheiro, que foi Senhor da Casa dos Cunhas das Neves, em Lijó, e de D. Vitória de Barros Rego. Quarta neta de Miguel de Barros Rego, dos Regos de Ponte do Lima, e de D. Thomasia da Rocha. Bisneta por varonia de João Pinheiro de Faria, e de D. Jerónima da Cunha das Neves, que foram Senhores da já citada Casa dos Cunhas das Neves, em Lijó.

Talvez fosse do agrado dos meus prezados leitores amantes de velharias, o desenvolvimento desta linhagem da Quinta do Paço, mas como parte das famílias que com ela entroncam pertencem a outros solares da nossa terra, para não cair em repetições que se tornam fastidiosas, deixaremos esse estudo para quando delas nos ocuparmos.

Nos séculos XIX e XX tiveram ligação com os Senhores do Paço os descendentes de D. Tereza de Jesus da Cunha Lobo Sottomayor de Monteverde, e de seu marido o Dr. Luiz Vital de Monteverde, Bacharel formado em Leis, Juiz de Fôra de Caninha e Dezembargador da Relação do Porto, que era filho de João Maria de Monteverde, e de D. Ângela Benedita de Leatte Paganini, cujos últimos apelidos nos parecem de origem italiana. Desta união conjugal, existiu larga geração com sucessão neste e noutros morgadios e quintas nobres do concelho de Barcelos e em Castelo do Neiva.

D. Tereza de Jesus era filha do fidalgo Domingos Barbosa Lobo Sottomayor, Morgado de Castelo do Neiva, Viana do Castelo, tendo casado com o referido Juiz em 24 de 1820, após um curto romance que descreveremos resumidamente neste jornal quando tratarmos da fidalguia da Casa do Paço do Cruzeiro, da aludida freguesia de Lijó.

Esta família, que se compunha de altos magistrados e de personalidades de acentuado valor na vida da nação, tem ultimamente como representante na cidade de Viana do Castelo, o Ex.º Sr. Dr. Luiz Monteverde da Cunha Lobo, muito ilustre advogado na Rua do Dr. Manuel Espregueira (antiga de S. Sebastião) da dita cidade e que no ano de 1965 foi nomeado Vice-Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

(CONTINUA)

RÁDIOS E TELEVISORES — FOGÕES A GÁS, Nacionais e Estrangeiros — AQUECEDORES ELÉTRICOS
GRANDE SORTIDO DE CANDEEIROS
NÃO COMPREM SEM CONSULTAR
PREÇOS E QUALIDADE

No estabelecimento de

ARMINDO SILVA

(ao lado do Senhor da Cruz)

Telef. 82708

BARCELOS

Caixa de Crédito Agrícola
Mutuo de BarcelosConvocação da Assembleia
Geral

De harmonia com o disposto nos estatutos desta colectividade convoco a Assembleia Geral ordinária para reunir em sessão do dia 21 de Janeiro de 1965, pelas 14 horas, no edificio da sede social.

Não havendo número legal para a Assembleia funcionar fica a mesma convocada, sem outro aviso, para o dia 28 do mesmo mês e hora.

ASSUNTOS A TRATAR

a) — *Apreciação e discussão do relatório, aprovação de contas do exercício da gerência durante o ano de 1964.*

b) — *Eleição dos Corpos Gerentes que hão-de servir no exercício de 1965.*

c) — *Fechar as remunerações dos empregados.*

Os livros de escrituração e todos os documentos respeitantes às operações sociais serão facultados ao exame dos associados durante os oito dias anteriores ao dia designado para a primeira convocação.

Caixa de Crédito Agrícola
Mútuo de Barcelos, 31 de Dezembro de 1964.

O Presidente da Assembleia Geral

Américo Gomes Fernandes de
Figueiredo (Dr.)

1 Automóvel por 5\$00

Pode V. Ex.ª adquiri-lo se comprar
UM BILHETE para o grandioso e tradicional
SORTEIO DE «O LAR DO COMÉRCIO»

6021 valiosos prémios

6 AUTOMÓVEIS Lambretas e Motorizadas — Televisores, Rádios e gira-discos — Frigoríficos, Fogões e diversa aparelhagem electrodoméstica.

Os compradores de FOLHAS COMPLETAS DE 5 BILHETES têm direito a uma **Extracção Especial**, e se adquirirem **Vinte Bilhetes** terão ainda direito a um **Cartão Numerado** que os habilitará a um outro **Sorteio**.

Extracção Inadiável em 10 de Janeiro de 1965

Bilhetes à venda na Sede de

«O LAR DO COMÉRCIO»

Praça da República, 99

PORTO

A. M.

A melhor motorizada do mundo totalmente italiana — Velocidades a começar em 80 km até 110 km à hora

Preços desde 7.800\$00 a 10.000\$00

Modelos de 3 e 4 Velocidades com mudanças de pé

Agente em Barcelos:

JORGE DA COSTA M. FERNANDES

Rua Filipa Borges

Agente geral em Portugal:

ANTÓNIO RODRIGUES DE MELO

Rua Alferes Malheiro, 189 — PORTO

Calendários

Da fabrica de Malhas Beth's, do Brasil, recebemos um interessante calendário com vistas do Brasil, o que agradecemos ao nosso estimado amigo Sr. Joaquim Lucas da Costa Carvalho, proprietário da referida firma.

— Da fábrica de Estores Vitória de Ermesinde, também nos foi endereçado um magnífico calendário para 1965, facto que agradecemos ao nosso prezado amigo Sr. Joaquim Gomes da Costa.

CASTANHEIROS

Vendem-se centenas de castanheiros pequenos, de crescimento rápido e de boas procedências.

JOSÉ COUTINHO JÚNIOR

Avenida Combatentes da Grande Guerra, 188

Telefone 82207

BARCELOS

O MELHOR CAFÉ

É O DA

Cafezeira de Barcelos

A casa que dispõe do maior e mais completo sortido em artigos de

MERCEARIA FINA

Anúncio publicado em «O Barcelense», em 9-1-1965, no n.º 2799.

Tribunal Judicial
de Barcelos
(SECRETARIA)

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que pela 3.ª Secção da Secretaria Judicial desta comarca de Barcelos e nos autos de EXECUÇÃO DE SENTENÇA que o exequente VALENTIM JOSÉ ENES, casado, proprietário, desta cidade, move contra o executado JOAQUIM MACIEL ARAÚJO, viúvo, lavrador, da freguesia de Galegos Santa Maria, desta comarca, correu éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado, para no prazo de 10 dias, posteriores ao dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos, pelo produto dos bens penhorados, sobre que tenham garantia real, na referida execução.

Barcelos, 19 de Dezembro de 1964.

O Escrivão de Direito,

Domingos Lima da Costa

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

António da Costa e Sá

Prédios — Vende-se

Em Carvalhal, uma casa torre e quintal com ramadas, a ferro. É próximo desta, um prédio de lavrário com água de lima e rega, também com boas ramadas a ferro.

Informa o Caseiro Fernando Simão.

Laurinda Vieira

PARTEIRA-ENFERMEIRA
— DIPLOMADA —Partos, Injecções, Tratamentos
Av. dos Combatentes da Grande
Guerra, 172

Telef. 82485 BARCELOS

Caseiro

Precisa-se para uma grande quinta, nos arredores da cidade.

Tem óptimo terreno, muita água e casa de habitação.

Exigem-se referências. Condições a tratar.

Informa esta Redacção.

CÉSAR CARDOSO
ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9

Telefone 82447

BARCELOS

Empregado

Com ou sem prática de 13 a 15 anos, para fazendas.
Redacção informa.

A Lavoura em Foco

Pelo Dr. Manuel Alves do Vale Lima

Promovida por um grupo de lavradores efectuou-se no dia 31-12-64, em Santo Tirso, uma reunião que juntou os mais destacados elementos da Lavoura daquele concelho.

Presentes algumas centenas de lavradores e sob a presidência do advogado e lavrador Tirsense Ex.º Sr. Dr. Fernandes de Azevedo foram discutidos em ambiente franco e leal vários problemas que interessam à lavoura regional.

Alta de preços dos produtos indispensáveis à cultura da terra, preços baixos para os produtos agrícolas, acção nefasta do mixordeiro, falta de braços de trabalho, destino ainda desconhecido dos subsídios atribuídos à lavoura — tudo ali foi debatido.

A estas reuniões, que só em condições excepcionais se efectuam, se outro valor não puder ser atribuído, ninguém lhe pode negar o mérito de denunciar, perante os responsáveis, a grave crise que a classe atravessa e o descontentamento gerado pelo abandono a que se considera votada. Demonstra também, e numa forma bem clara, que a lavoura não perdeu a confiança nos governantes a s quais ordeiramente faz chegar o seu desesperado apelo e de um modo que revela absoluto descrédito nos seus mais próximos Organismos representativos. Com efeito, é da competência destes apresentar superiormente os problemas com que se debate a lavoura na sua área, propondo as medidas a adoptar para a sua solução que insistentemente devem pedir.

Das diligências efectuadas e seus resultados, devem, sempre que possível, ser esclarecidos, os respectivos sócios que assim passarão a ver no Grémio um organismo defensor dos seus interesses, e não mais um encargo que lhes é imposto a favor de meia dúzia...

A falta de dirigentes capazes é um mal com que se debatem alguns Organismos Corporativos. E infelizmente, alguns dirigentes, à incompetência, aliam a maldade, tratando os sócios incorrectamente e daí a má vontade existente contra esses organismos que a quase totalidade dos associados desejariam ver extintos.

A essa situação se chegou porque, provadas as faltas de alguns desses indesejáveis servidores, não foram tomadas as medidas que se impunham. Lá chegar...

A lavoura tem que prosseguir na sua luta, mas a defesa dos seus interesses compete aos respectivos Organismos representativos. Para isso eles foram criados. Nos casos em que os dirigentes não querem ou não

são capazes, que sejam eles próprios a cederem o lugar a outros mais competentes e mais dedicados.

Se agora nos disserem que têm procurado cumprir fielmente as suas funções, perguntamos: para que servem os Grémios da Lavoura se, não sendo atendidos nas suas exposições, estão impedidos de dar cumprimento ao que determinam os respectivos estatutos?

Não se concebe que tendo subido as contribuições, a mão de obra e tudo quanto a lavoura consome, não seja permitida uma alta equitativa daquilo que podem vender e constitui a sua única fonte de receita.

E quanto a subsídios, de que tanto se fala preferimos que a lavoura os possa dispensar, e para tanto bastará que lhe sejam pagos os seus produtos por preços justos.

Pela Casa dos Rapazes

Nesta época de festa, em que todas as instituições de caridade se mostram pródigas para com os seus educandos, é vincado muitas vezes o espírito de generosidade de muitos benfeitores, o que é consolador, pois verifica-se o fenómeno social dum maior compreensão humana, visível na inter-ajuda.

A Casa dos Rapazes, vai hoje, pelas 15 horas, distribuir a sua consuada aos educandos que a frequentam. É já um acto habitual dos dirigentes desta obra meritória, iniciada há longos anos pela benemérita Sr.ª D. Joaquina Vieira e depois continuada pelo Sr. Dr. Manuel Rodrigues de Faria que lhe deu estabilidade e mais largos horizontes. Hoje a casa dos Rapazes conta com, além do Sr. Dr. Faria, a colaboração preciosa dos nossos amigos dedicados Srs. António Sousa Costa e Arnaldo da Silva, homens que têm continuado a obra iniciada pelo Sr. Dr. Faria.

Para a consuada dos educandos desta Instituição de Caridade, receberam-se os seguintes donativos:

De «Um Barcelense que não esquece a sua Terra», 1000\$00; Da Fábrica de Malhas «MENA», de João Gonçalves Martins, 250\$00; Da Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, Ld.ª, 100\$00; Do Ex.º Sr. Dr. Aires Duarte, 100\$00; Da Ex.ª Sr.ª D. Dulce Ferreira, da Trofa, 100\$00; Da Junta de Freguesia, 50\$00; Do Sr. António Torres, do Porto, 50\$00; Da Ex.ª Sr.ª D. Josefina do Vale Borges, da Trofa (por intermédio de «O Barcelense»), 50\$00; Da Ex.ª Sr.ª D. Rita Guimarães, 20\$00; Do Ex.º Comendador António José Pereira Barcelos, do Brasil, 300\$00; Da Fábrica de Pentos do Ribesinho, de Guimarães, 20\$00; Da Fábrica de Malhas Tebe, 34 camisolinas interiores e exteriores; Da Fá-

A Agência MARTINS — Contribuintes

sita na Rua Infante D. Henrique, 44 — Barcelos

Encontra-se ao inteiro dispor dos Ex.ºs Senhores Industriais, Comerciantes, Construtores Cíveis e Proprietários para o cumprimento das obrigações legais, junto das Caixas Sindicais de Previdência, Fundo de Desemprego e de todas as Repartições Públicas, em geral.

Aziúmes dum homem de mau humor

Por Falcão Machado

Desde a revista FLAMA aos semanários EXPANSÃO e ACTUALIDADES que deparou uma campanha em prol da divulgação da música e das canções portuguesas nos microfones da Rádio e T. V. e, até, nas actuações de festival, contra o excessivo consumo que se faz de música e de canções estrangeiras.

Mais, ainda, o último daqueles semanários acusa de preguiça alguns dos nossos cançonetistas, intimando-os a que, por respeito para com o público, estudem novos reportórios.

Há, aqui, dois aspectos a considerar: um, o da preguiça, outro o do aporuguesamento.

Estas vedetas e ídolos que, por um hambúrgio da sorte, o público (e talvez não!) consagra, desde que são uns consagrados, ficam convencidos, mesmo, de que são uns consagrados e tornam-se insuportáveis.

A sua primeira atitude é faltarem aos respeito aos direitos do público, amo e senhor de todos nós, porque paga, e, partindo do princípio de que *todo o burro come palha*, a questão é *se saber dar-lha*, vão empaturrando esse mesmo público pagante com seus estafados, cansados, repetidos números e programas. Um abuso impertinente, a que podiam pôr termo os que dirigem Rádios e T. V., exigindo mais e melhor, recusando o *vira o disco e toca o mesmo*, expressão popular de fastio e tédio por esta impertinente repetição.

Calca-se a lama porque é mole. A música — não fui eu quem o afirmel — é um prazer de escravos e a sua acção torna-se emoliente quando essa música é nostálgica, triste, me-

lancólica, afectando a sensibilidade e paralyzando a acção: escraviza o homem, tornando-o passivo. Claro está que se o público reagisse activa e ativamente, impondo a sua vontade, os artistas, as vedetas, ver-se-iam obrigados a mudar de atitude e, em vez da palha que dão ao burro em troca do seu dinheiro, que é valioso, dar-lhe-iam, também, programas valiosos pela sua variedade.

E, também, a lei do menor esforço que, aliada ao pretenciosismo pedante, leva a desprezar a canção portuguesa preferindo a música estrangeira.

Basta escutar a música estrangeira e, depois, repeti-la, mastigar canções em inglês, francês e turco! Quem é o turco, o francês, ou o inglês que virá reclamar contra a má execução?

Ao passo que a execução de música nacional, música portuguesa, se torna muito mais árdua, seja a popular, seja a erudita.

É preciso trabalhar muito para se conseguir uma interpretação digna, mesmo sob o ponto de vista técnico, sem que se atinja a virtuosidade.

O público nacional, apesar da sua falta de educação quanto a artes rítmicas, tem certa sensibilidade inata, filha de forças de criação latentes na sua alma e é muito mais exigente perante a música portuguesa do que ante a estrangeira.

Ora, para que ter esse esforço se, para quem é, *bacalhau basta*?

Se nos centros emissores, ainda aceitam e que já o público começa a achar excessivo, para quê mudar? E esforço em pura perda... não vale a pena...

Claro está que esta atitude é muito prejudicial para aquilo que chamo a criatividade, a capacidade criadora da alma nacional.

Se o ar fosse cruzado por mais melodias de origem nacional, filhas espontâneas do nosso espírito criador, essas melodias, por repercussão, por ressonância, fariam vibrar as fibras criadoras da nossa gente e surgiriam novas canções — como surgem, de vez em quando, novos fados, castiços, portugueses.

Sendo o ar cruzado por melodias estranhas à sensibilidade criadora e original portuguesa, essa sensibilidade fica muda — ou, num ou noutro caso, produz imitações de tangos, chá-chás, baiões, etc., sem frescura, sem originalidade, pálidos fantasmões do que é vivo e espontâneo noutros países.

A nossa educação artística, musical, fora do Conservatório e escolas afins, deixa muito a desejar. Mas, como estão a proceder os nossos cançonetistas, está-se a atrofiar a toda e qualquer possibilidade estética, espontânea, da vida cotidiana do povo português, a fazer degenerar o que nesse aspecto artístico e criador, ainda há de recôndito, nos arenas da alma portuguesa.

E isto é que é triste...

Mais um caso de apreensão de produtos

Pelos Agentes de Fiscalização da Junta Nacional de Vinhos foi apreendida, no mês de Novembro, no armazém da Firma Campelo & Filhos, uma certa quantidade de vinho, que depois de feita a análise se verificou tratar-se de vinho da campanha de 1964, produto que, conforme está legalmente determinado, não podia nessa altura ter transitado. A apreensão foi efectuada nos armazéns de Gondomar, do respectivo armazenista.

As pipas foram seladas, o negociante notificado do resultado da análise e instaurado o procedimento adequado.

Festa dos Bombeiros Voluntários de Barcelos

os serviços prestados aos Bombeiros Portugueses.

Este pedido tão justo como legítimo foi entregue ao Senhor Presidente da Câmara que, fazendo as demandas necessárias, conseguiu a Comenda da Ordem de Benemerência para o 1.º Comandante dos Voluntários de Barcelos, que tão penhoradamente tem trabalhado para tornar o Voluntariado como uma só corporação, dentro dum mesmo espírito de fraternidade.

O Comandante Quintas é um novo, velho nas lides dos bombeiros, conhecedor dos problemas que afligem a

Corporação quando em luta contra o fogo. Entrou para os Voluntários de Barcelos em 1928, sendo-lhe dado o lugar de praça, posto por onde passam todos quantos desejam servir os bombeiros. Dois anos depois, em 1930, era nomeado Chefe de Material, desempenhando o cargo com muito brilho. Com a morte do Comandante Esteves, o Chefe de Material Manuel Quinta passou

a ocupar o destacado posto de 2.º Comandante da Corporação Barcelense. Cinco anos depois, com a saída do Comandante Roriz Pereira, o Comandante Quintas assumiu o primeiro posto dos nossos Voluntários, fazendo desde então uma carreira brilhante que lhe mereceu muitas provas de justa consagração, sendo condecorado com as seguintes medalhas: medalha de prata dos Socorros a Náufragos; medalha da Federação dos Bombeiros Espanhóis; medalha dos Bombeiros Fran-

ceses; medalhas de 1 e 2 estrelas da Liga dos Bombeiros Portugueses. É comandante honorário dos bombeiros de Cascais e de Esposende. Foi condecorado por serviços prestados às Corporações de Fafe, Famalicão e Esposende.

A Comenda da Ordem de Benemerência é, sem dúvida, o expoente máximo das condecorações do Comandante Manuel Pereira da Quinta Júnior e por isso mesmo tão elevado galardão não deixará de ser, também, uma honra para a Corporação Barcelense.

Para a imposição das insígnias, a Câmara Municipal leva a efeito, amanhã, pelas 17.30 horas, no Salão Nobre da Edilidade, uma sessão solene, presidida pelo Senhor Governador Cível, e em que será conferente o Sr. António de Moura e Silva, Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses.

«O Barcelense» associa-se a esta manifestação de simpatia pelo 1.º Comandante dos Bombeiros de Barcelos e congratula-se com o acontecimento.



Fernando Monteiro
Ajudante do Comando



António Duarte Ferreira Pedras
Secretário do Comando e Chefe de Material



Henrique António da Costa Correia
Subchefe dos B. V. B.



Sérgio Augusto Miranda Santos
Fiscal do Fardamento dos B. V. B.



António de Jesus Fernandes
Chefe dos B. V. B.